Uma andorinha só não faz verão

Resistir para não deixar a Baía de Sepetiba se transformar numa lixeira industrial

Uma andorinha só não faz verão

Resistir para não deixar a Baía de Sepetiba se transformar numa lixeira industrial

> Desenhos: Déborah Páramo (Moradora da Praia do Cardo, Sepetiba)

> > Texto: Karina Kato (PACS)

Revisão: Gilka Resende, Sandra Quintela, Miriam Lemos e Marcos Arruda (PACS)

> Diagramação: Eduardo Ferrão

Nossa riqueza é a Baía!

Baía de Sepetiba. A natureza e as pessoas sempre foram seu maior tesouro. Suas águas e matas, parte mangue parte Mata Atlântica, abrigam muitas espécies de animais, algumas em risco de extinção, e são responsáveis por todo o equilíbrio ecológico da região. A Baía é procurada até hoje por animais marinhos e aves

para reprodução e descanso.

...Mas já faz um tempo que o homem, com suas indústrias e descaso, vem destruindo a Baía de Sepetiba.

Mas, hoje, planeja-se um golpe queserá fatal. O projeto de transformar a Baía num pólo siderúrgico e complexo portuário dará fim a toda sua biodiversidade, arrastando com ela outra riqueza da região: famílias de pescadores, quilombolas, caiçaras e indígenas.



Consumimos para viver ou vivemos para consumir?

Para compreendermos os motivos dessa destruição, precisamos entender um pouquinho como o mundo funciona e como as indústrias, grandes poluidoras, vêm parar na Baía.

Nascemos e vivemos numa sociedade de consumo Manter um sistema como esse requer produção crescente de produtos que logo serão trocados por outros produtos. A cada hora são produzidos, consumidos e jogados fora trilhões de celulares, carros, móveis, plásticos, roupas. Vivemos no eterno ciclo: produ-

ção - consumo - lixo - produção... Se todos os países do mundo tivessem hoje o padrão de consumo dos EUA, precisaríamos de três a quatro planetas Ter-

ra para garantir a produção de bens de consumo, necessários à vida "moderna"

Para manter seu alto padrão de consumo, os países ricos transferem suas indústrias poluentes para os países mais pobres. E foi assim que à TKCSA chegou ao Brasil e à Baía de Sepetiba.

Brasil: o celeiro do mundo!

Essas grandes empresas, as transnacionais, chegam ao Brasil atraídas principalmente pelos recursos naturais e mão-de-obra que aqui encontram a preços baixos. Utilizam nossos recursos naturais, desmatam nossas florestas, sugam nossas águas e as riquezas de nosso subsolo. São milhões de toneladas de soja, minérios, etanol, carnes que exportamos a cada ano. Matérias-primas baratas extraídas às custas de nossos recursos naturais e de mão-de-obra barata.



Os países "desenvolvidos" compram essas matérias-primas a um baixo custo e prosseguem produzindo mercadorias mais caras e elaboradas, sem usar seus recursos naturais e/ou arcar com a poluição resultante de todo o processo. Esses "custos" sociais e ambientais ficam nos países ditos "subdesenvolvidos", como o Brasil. Com isso cresce a nossa dívida ambiental e social. Ao mesmo tempo, continuamos pagando a dívida financeira aos países ricos, a qual só aumenta com a implantação deste modelo de desenvolvimento.

Conversa de pescador

A Companhia Siderúrgica do Atlântico (TKCSA) será a maior empresa de siderurgia da América Latina. Sua propaganda destaca o "progresso" e "desenvolvimento", mas não fala dos impactos e prejuízos que a empresa está trazendo para a Baía de Sepetiba. Todo ano, a usina produzirá 5,5 milhões de toneladas de placas de aço para serem exportadas para os EUA e a Alemanha.

Nos perguntamos, então: Que desenvolvimento é este? E para quem?

A TKCSA garante que vai gerar 3.500 empregos quando a usina começar a operar. Contudo, o que vem acontecendo é que, com as obras da empresa, cerca de 8.070 pescadores e suas famílias estão impedidos de trabalhar. Esse

> mero aumenta se incluirmos os quilombolas, indígenas, ziçaras e outras populações que vivem na Baía.

lo final, a riqueza ficará concentrada nas mãos da TKCSA boa parte dos lucros será remetida à Alemanha. Uma iqueza obtida com o empobrecimento e da destruição de oda a vida - social, cultural e biológica - da Baía de Sepeba. Mas na propaganda, ninguém conta esse final. Depois izem que mentira é coisa de pescador...

E a nossa saúde?

Pela grande quantidade de energia que utilizam, as usinas siderúrgicas são muito poluentes. Emitem substâncias como óxidos de enxofre (SOX), gás sulfídrico (H2S), óxidos de nitrogênio (NOX), óxidos de carbono (COX), metano (CH4), etano (C2H6), material particulado e outros hidrocarbonetos orgânicos, como o benzeno. Todas essas substâncias contribuem para o aumento de doenças respiratórias, tais como bronquite, rinite alérgica, alergias e asma.

Outro problema relacionado à siderurgia é a exposição ao benzeno. O benzeno é gerado na produção do coque. Ele é líquido, incolor, volátil e altamente inflamável e em exposição às pessoas pode provocar impactos no sistema nervoso, endócrino e imunológico. Estudos indicam que numa população de 30.000 pessoas exposta a 1 ppm de benzeno, há propensão de aparecimento de 60 novos casos de câncer em um curto período de tempo.

E isso afetará, além das populações do entorno da Baía de Sepetiba, toda a população do Rio de Janeiro!

E o Meio Ambiente?

O meio ambiente também vem sendo destruído com as obras da TKCSA. As dragagens implementadas pela empresa vêm "sugando" peixes e moluscos, inclusive nos períodos de defeso (reprodução).

A contaminação das águas por metais pesados é o mais grave dos impactos. Um acidente na década de 1980 com a Ingá Mercantil, deixou na Baía de Sepetiba um enorme passivo ambiental. Cerca de 3 milhões de toneladas de lixo químico - Chumbo, Cádmio e Zinco - vazaram para as águas da Baía. Apesar da ausência de medidas de reparação por parte do governo e dos dirigentes da companhia, que faliu em 1998, esta situação vinha se revertendo. Esses resíduos estavam se sedimentando no fundo da Baía, em parte neutralizados pelo manguezal. Os peixes estavam voltando. Com o início das dragagens esses resíduos estão sendo revolvidos, contaminando ambiente, peixes e pessoas. Já foram encontrados na Baía de Sepetiba peixes deformados, com tumores e feridas.

Fique quem puder!

É neste cenário de riquezas ambiental, social e cultural, agora cada vez mais, que os governos, juntamente com o empresariado nacional e internacional, querem construir um pólo siderúrgico e portuário.

O complexo siderúrgico será composto pela Companhia Siderúrgica do Atlântico - TKCSA, já em construção; pela Companhia Siderúrgica Nacional - CSN; pela Gerdau que ampliará a Gerdau Cosigua e construirá uma nova usina - Gerdau Aços Especiais Rio. Para o escoamento de minério de ferro e produtos siderúrgicos pretendem construir na região sete portos privados: da TKCSA, da CSN, da Usiminas, da Gerdau, da BHP Billinton (com participação da Vale), da Brazore e o Porto Sudeste da LLX Logística (Eike Batista). Fora a ampliação do porto de Itaguaí. Todos esses empreendimentos contam com apoio econômico e político dos governos brasileiros, por meio da isenção de impostos e de financiamento direto do BNDES.

Estes empreendimentos colocam em risco a população local e a cidade do Rio de Janeiro, destroem todo o ecossistema e desprezam o potencial econômico endógeno da região. Imóveis são desvalorizados, pessoas perdem seus meios de vida, famílias inteiras ficam doentes e/ou precisam abandonar suas casas.

É o lucro sem limite!

A estratégia do grande capital está clara para a Região Sudeste. Sua ação busca criar canais cada vez mais rápidos e eficazes para exportação de matérias-primas minerais e agrícolas. São os minerodutos, os alcoodutos, as ferrovias e os portos privados com terminais de carvão, minério de ferro, produtos agrícolas. Um desenvolvimento voltado para fora do país que não leva em consideração seus custos sociais e ambientais.

Um modelo concentrador e excludente, voltado para uma minoritária parcela da população brasileira. Dele resulta um Produto Interno Bruto - PIB - que não se traduz em desenvolvimento no seu sentido mais amplo de qualidade de vida, harmonia e felicidade dos povos que compõem nosso país.

Com dinheiro e programa públicos, como os financiamentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social e o Programa de Aceleração do Crescimento, aprofundamos as desigualdades e a injustiças que já são marcas do Brasil. Enquanto isso, na Baía de Sepetiba e em outras baías, a população luta por seu viver, seu direito de existir, buscando caminhos de desenvolvimento endógeno que favoreçam e reconheçam a riqueza social, ambiental e cultural do nosso país. Um desenvolvimento voltado para trabalhadores(as), independente de gênero, etnia ou cor.



Participe desta luta. Não deixe a Baía de Sepetiba virar uma imensa lixeira industrial.

O que queremos?

- 1 A recuperação total do ecossistema da Baía de Sepetiba.
- 2 A implantação de processos de desenvolvimento na região que incluam a população empobrecida, os pescadores artesanais, os indígenas, os quilombolas e os caiçaras e que não destruam as áreas de manque e Mata Atlântica.
- 3 Que a população do Rio de Janeiro tenha o direito de discutir os planos do governo de implantar na Baía de Sepetiba um enorme pólo siderúrgico e portuário.
- 4 Que os pescadores artesanais, os quais vêm sendo impactados pelas obras da empresa desde 2006, sejam indenizados por todo o mal que a empresa vem acarretando às suas vidas

Apoio:



Realização:



Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul - PACS Av. Rio Branco, 277 - sala 1609 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20.040-009 Fone/fax: (21) 2210-2124 pacs@pacs.org.br

